

A guerra euro-estadunidense na Líbia: mentiras oficiais e equívocos dos críticos*

James Petras e Robin E. Abaya**

Resumo:

Análise crítica das principais posições acerca da guerra euro-estadunidense contra a Líbia e argumento de que esta invasão se deveu fundamentalmente a razões de ordem estratégica: respaldar os esforços de guerra em curso no Afeganistão e no Iraque; sufocar os movimentos democráticos populares árabes pró-democracia; e preparar um futuro ataque ao Irã.

Palavras-chave: Império. EUA. OTAN. Líbia.

Introdução

Muitas críticas às guerras européias e estadunidenses em andamento no Oriente Médio e, agora, no Norte da África, escoraram seus argumentos em clichês e generalizações sem base nos fatos. O argumento mais comum ouvido sobre a atual guerra estadunidense e européia na Líbia é que “tudo se resume ao petróleo” – o objetivo seria a tomada dos campos de petróleo líbios.

Por outro lado, na Europa e EUA, os porta-vozes dos governos defendem a guerra chamando-a de “intervenção humanitária” e alegam que “tudo se resume a salvar vidas de civis em face do genocídio”.

Seguindo o bordão de suas potências imperiais, um amplo leque da esquerda nos EUA e Europa – que passa por social-democratas, marxistas, verdes e progressistas variados – alega ver e apoiar uma revolta de massas revolucionária do povo líbio. E não poucos reivindicaram intervenções militares pelas potências imperiais ou – o que dá no mesmo – pela ONU a fim de ajudar os “revolucionários líbios” a derrotar a ditadura de Kadafi.

Estes argumentos não têm base e passam uma idéia falsa da natureza do poder imperial de EUA, Reino Unido e França, um militarismo expansionista,

* Traduzido do inglês por Sávio Cavalcante. Revisão de Lúcio Flávio de Almeida.

** Prof. emérito de sociologia da University of Binghamton e Médica patologista em Binghamton, New York. End. eletrônico: jpetras@binghamton.edu

como evidenciado em todas as guerras em curso que se iniciaram na década passada (Iraque, Afeganistão e Somália, etc.). E o que é muito mais revelador sobre a intervenção militar na Líbia é o fato de que os principais países que se recusaram a aderir à guerra operam uma forma bastante diferente de expansão global, a qual é baseada sobre forças econômicas e de mercado. China, Índia, Brasil, Rússia, Turquia e Alemanha, os países capitalistas mais dinâmicos na Ásia, Europa, Oriente Médio e América Latina são fundamentalmente opostos à resposta militar dos auto-intitulados “aliados” contra o governo líbio. Pois Kadafi não representa ameaça à segurança desses países que já têm acesso completo ao petróleo e um clima de investimentos favorável. Além do mais, esses países economicamente dinâmicos não vêem perspectiva de um governo líbio estável, progressista ou democrático emergindo dos assim chamados líderes “rebeldes”, que são diferentes elites competindo pelo poder e pelos favores do Ocidente.

1. Os seis mitos sobre a Líbia: Direita e Esquerda

As principais potências imperiais e seus porta-vozes mediáticos alegam que estão bombardeando a Líbia por “razões humanitárias”. O passado recente desses países e suas atuais intervenções militares apresentam um quadro diferente: a intervenção no Iraque resultou em bem mais que um milhão de mortes de civis, quatro milhões de refugiados e a destruição completa de uma sociedade complexa e sua infra-estrutura, incluindo suprimentos de água e tratamento de esgoto, irrigação, rede elétrica, sem mencionar centros de pesquisa, escolas, arquivos históricos, museus e o extenso sistema de bem-estar social iraquiano.

Um desastre pior seguiu-se à invasão do Afeganistão. O que é alardeado como uma “intervenção humanitária” para liberar as mulheres afegãs e expulsar o Talibã resultou numa catástrofe humana para o povo desse país.

O percurso da barbárie imperial no Iraque começou com as “sanções” e progrediu para as “zonas de exclusão aérea”; a repartição de fato do norte; a invasão e a ocupação estrangeira; e o desencadeamento de um clima de guerra sectário entre os esquadrões de morte iraquianos “liberados”.

Da mesma forma, a investida imperial contra a Iugoslávia na década de 1990, propagandeada como a grande “guerra humanitária” para cessar o genocídio, levou a um bombardeio aéreo de 40 dias e à destruição de Belgrado e outras importantes cidades, à imposição de um regime terrorista de gângsteres (KLA) em Kosovo, à quase total limpeza étnica de todos os residentes não albaneses de Kosovo e à construção da maior base militar estadunidense no continente (Camp Bondsteel).

O bombardeio na Líbia já destruiu as principais infra-estruturas civis, aeroportos, estradas, portos e centros de comunicação, assim como alvos “militares”.

O bloqueio da Líbia e os ataques militares têm expulsado grande número de corporações multinacionais e levam ao êxodo de massa de centenas de milhares de especialistas e trabalhadores imigrantes qualificados ou com baixa qualificação da Ásia, do leste europeu, da África subsaariana, do Oriente Médio e do Norte da África, devastando a economia e criando, quase que da noite para o dia, o desemprego massivo, escassez e racionamentos críticos de gasolina. Mais ainda, seguindo a lógica das intervenções militares imperiais, o pedido aparentemente “restrito” para patrulhar os céus por meio de uma “zona de exclusão aérea” desembocou diretamente no bombardeio de civis assim como de alvos militares no solo e está pressionando a derrubada do governo legítimo. Os atuais provocadores de guerra imperiais que lideram o ataque à Líbia, assim como seus predecessores, não estão engajados em nada que remotamente se assemelhe a uma missão humanitária: eles estão destruindo as bases fundamentais das vidas dos civis que eles alegam estar salvando – ou, como uma geração anterior de generais americanos alegaria no Vietnã, eles estão “destruindo as povoações no intuito de salvá-las”.

2. Guerra por petróleo ou petróleo à venda?

O clichê favorito da esquerda “crítica” é aquele de que a invasão imperial se resume a “tomar o controle do petróleo da Líbia e repassá-lo para suas multinacionais”. E isto se coloca a despeito do fato de multinacionais estadunidenses, francesas e britânicas (assim como seus competidores asiáticos) já terem “assumido o controle” de milhões de acres de campos de óleo líbios sem disparar uma única bomba. Durante a década passada, o *“Big Oil”* tem extraído e exportado petróleo e gás líbios e colhido enormes lucros. Desde o começo da década de 1990 até os dias de hoje, Kadafi recebeu com agrado as maiores corporações multinacionais para explorar a riqueza do petróleo da Líbia. Há um número maior de grandes companhias de petróleo fazendo negócios na Líbia do que na maioria das regiões produtoras de petróleo no mundo. É o caso da British Petroleum, com um contrato de sete anos em duas concessões e mais de US\$1 bilhão em investimentos projetados. Cada concessão à BP explora enormes áreas geográficas da Líbia, uma delas do tamanho do Kuwait e a outra do tamanho da Bélgica (Libionline.com). Também estão por lá cinco grandes corporações japonesas, incluindo a Mitsubishi e a Nippon Petroleum. A Eni Gas da Itália, a British Gas e a gigante estadunidense Exxon Mobil assinaram novos contratos de exploração e espoliação em outubro de 2010. A mais recente concessão de petróleo, assinada em janeiro de 2010, beneficiou principalmente companhias de petróleo estadunidenses, especialmente a Occidental Petroleum. Outras multinacionais que operam na Líbia são a Royal Dutch Shell, Total (França), Oil

Índia, CNBC (China), Pertamina da Indonésia e Norsk Hydro da Noruega (BBC News, 10/03/2005).

A despeito das sanções econômicas contra a Líbia impostas pelo presidente dos EUA, Reagan, em 1986, a gigante multinacional estadunidense Halliburton teve assegurados projetos de petróleo e gás de vários bilhões de dólares desde a década de 1980. Durante seu mandato como executivo da Halliburton, o ex-Secretário de Defesa Dick Cheney liderou a luta contra essas sanções declarando: “como nação, (há) enorme importância em ter negócios estadunidenses atuando em todo o mundo” (Halliburtonwatch.com).

Oficialmente, sanções contra a Líbia foram decretadas apenas sob o governo Bush em 2004. É óbvio que, com todos os países imperiais da Europa e EUA já explorando o petróleo líbio em escala maciça, o mantra de que a “guerra se resume ao petróleo” não tem pé nem cabeça.

3. Kadafi é um terrorista

Na corrida para o ataque militar em curso sobre Trípoli, o Departamento do Tesouro estadunidense (e o agente especial de Israel) Stuart Levey autorizaram uma política de sanções que congelou U\$ 30 bilhões de dólares em ativos líbios sob o pretexto de que Kadafi era um tirano assassino (*Washington Post*, 3/24/11). Contudo, sete anos antes, Cheney, Bush e Condoleezza Rice tiraram a Líbia da lista de regimes terroristas e ordenaram Levey e seus asseclas a suspender as sanções da era Reagan. Todas as maiores potências européias rapidamente seguiram o exemplo: Kadafi foi saudado nas capitais européias, primeiros-ministros visitaram Trípoli e Kadafi retribuiu ao desmantelar unilateralmente seus programas de armas químicas e nucleares (BBC, 9.5.2008). Kadafi tornou-se parceiro de Washington na campanha contra um amplo conjunto de grupos, movimentos políticos e indivíduos arbitrariamente inseridos na “lista do terror” estadunidense: prendendo, torturando e matando suspeitos de pertencerem à Al Qaeda, expulsando militantes palestinos e criticando abertamente o Hezbollah, Hamas e outros oponentes de Israel. A Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas concedeu ao regime de Kadafi um atestado de boa saúde em 2010. No final, essa reviravolta política de Kadafi, ainda que muito celebrada pela elite do Ocidente, não o salvou de um maciço ataque militar. A imposição de reformas neoliberais, sua “apostasia” política e sua cooperação na “Guerra ao Terror” e a eliminação de armas de destruição em massa apenas enfraqueceram o regime. A Líbia se tornou vulnerável ao ataque e isolada de qualquer aliado antiimperialista importante. As clamorosas concessões de Kadafi ao Ocidente tornaram seu regime alvo fácil para os militares de Washington, Londres e Paris, ávidos por uma rápida “vitória”.

4. O mito das massas revolucionárias

A esquerda, incluindo os principais partidos social-democratas, verdes e mesmo da esquerda socialista da Europa e dos EUA, engoliu o pacote inteiro de propaganda dos meios de comunicação de massa que demonizavam o regime de Kadafi enquanto enalteciam os “rebeldes”. Papagueando seus mentores imperiais, a “esquerda” justificou seu apoio à intervenção militar imperial em nome do “povo revolucionário da Líbia”, as massas “paz e amor lutando contra a tirania” e organizando milícias populares para “libertar seu país”. Nada poderia estar mais longe da verdade.

O centro do levante armado está em Benghazi, um antigo ninho monarquista de clientes e apoiadores tribais do deposto Rei Idris e sua família. Idris, até ser derrubado pelo jovem agitador coronel Kadafi, governou a Líbia com mãos de ferro sobre uma atrasada região semifeudal e era popular em Washington, tendo dado a maior base aérea (base Wheeler) dos EUA no Mediterrâneo. Entre os líderes feudais do conselho de transição em Benghazi (que se propõem a liderar, mas têm poucos seguidores organizados), encontram-se exilados neoliberais, que foram os primeiros a estimular a invasão militar euro-estadunidense projetando acederem ao poder na retaguarda dos mísseis do Ocidente. Eles eram abertamente favoráveis ao desmantelamento das companhias estatais líbias de petróleo recentemente envolvidas em *joint ventures* com corporações multinacionais estrangeiras. Observadores independentes têm comentado sobre a ausência de qualquer tendência reformista clara, quanto mais organizações revolucionárias e movimentos populares democráticos entre os “rebeldes”.

Enquanto estadunidenses britânicos e franceses estão atirando mísseis, carregados com urânio enriquecido, em instalações-chave civis e militares líbias, seus “aliados” – as milícias armadas em Benghazi – ao invés de irem à batalha contras as forças armadas do governo, estão ocupadas cercando, prendendo e frequentemente executando quaisquer membros suspeitos dos “comitês revolucionários” de Kadafi, arbitrariamente rotulando esses civis como uma “quinta coluna”. Os principais líderes dessas massas “revolucionárias” em Benghazi incluem três desertores do que a “esquerda” alcunhou por “regime de assassinos” de Kadafi: Mustafa Abdul Jalil, ex-ministro de Justiça, que processou dissidentes até a véspera do levante armado; Mahmoud Jebri, que se destacou ao convidar multinacionais para controlar os campos de petróleo (Cf. *Financial Times*, 23 de março 2011, p.7) e o ex-embaixador de Kadafi na Índia, Ali Aziz al-Eisawa, que abandonou o barco tão logo pareceu que o levante seria bem sucedido. Estes autoproclamados “líderes” dos rebeldes, que agora apóiam lealmente a intervenção euro-estadunidense, foram apoiadores de longa data da ditadura de Kadafi e promotores das aquisições de campos de petróleo e gás pelas corporações multinacionais. Os chefes do conselho militar dos “rebeldes” são Omar Hariri

e o General Abdul Fattah Younis, ex-chefe do Ministério do Interior. Ambos têm longas histórias (desde 1969) de repressão a movimentos democráticos no interior da Líbia. Tendo em vista essa origem repulsiva, não surpreende que esses desertores da causa “rebelde” de nível militar superior não tenham sido capazes de incitar suas tropas, a maioria recrutadas, a atacar as forças leais que dão apoio a Kadafi. Eles também terão que pegar carona em direção a Trípoli no rastro das forças armadas anglo-franco-estadunidenses.

A ausência de qualquer credencial democrática e apoio de massa às forças anti-Kadafi é evidente na confiança que depositam nas forças armadas estrangeiras imperiais, cedendo o comando a elas o poder, e em sua subserviência às demandas imperialistas. Seus abusos e perseguições a trabalhadores migrantes da Ásia, Turquia e especialmente da África Subsaariana, assim como a cidadãos líbios negros, estão bem documentados na imprensa internacional. O tratamento brutal a líbios negros, falsamente acusados de serem “mercenários” de Kadafi, inclui tortura, mutilação e horríveis execuções e não é bom presságio para o advento de uma nova ordem democrática, ou mesmo para a retomada da economia, a qual tem dependido do trabalho imigrante, quanto mais para um país unificado com instituições nacionais e uma economia nacional.

A autoproclamada liderança do “Conselho de Transição Nacional” não é democrática, nacionalista ou mesmo capaz de unificar o país. Não são líderes com credibilidade capazes de restaurar a economia e criar os empregos perdidos como resultado da tomada de poder pelas armas. Ninguém prevê seriamente que “exilados”, tribalistas, monarquistas e islamitas mantenham os programas paternalistas de bem-estar e emprego criados pelo governo de Kadafi e que deram aos líbios a maior renda per capita na África.

5. Al-Qaeda

A maior concentração geográfica de terroristas suspeitos de ter vínculos com a Al-Qaeda calha de estar justamente nas áreas dominadas pelos “rebeldes” (ver Alexander Cockburn: *Counterpunch*, 24 de março, 2011). Por mais de uma década, após aderir à doutrina da “Guerra ao Terror” de Bush-Obama, Kadafi esteve à frente da luta contra a Al Qaeda. Os *jihadistas* líbios, tendo afiado suas habilidades na ocupação estadunidense de Iraque e Afeganistão, estão agora nas fileiras dos rebeldes combatendo o muito secular governo líbio. Da mesma forma, os chefes tribais, clérigos fundamentalistas e monarquistas no Leste têm sido ativos na “guerra sagrada” contra Kadafi, saudando as armas e apoio aéreo dos “cruzados” anglo-franco-estadunidenses – assim como os *mullahs* e chefes tribais saudaram as armas e treinamento da Casa Branca no período Carter-Reagan para derrubar um regime secular no Afeganistão. Uma vez mais, a intervenção

imperial está baseada nas “alianças” com as forças mais retrógradas. A composição do futuro regime (ou regimes, em caso de a Líbia ser dividida) é uma grande questão em aberto e as perspectivas de um retorno da estabilidade política para o *Big Oil* explorar lucrativamente os recursos da Líbia são duvidosas.

6. “Genocídio” ou Guerra Civil?

Diferentemente de todas as revoltas populares de massa em andamento, o conflito líbio começou com uma insurreição armada, direcionada a tomar o poder pela força. Diferentemente dos governantes autocráticos do Egito e da Tunísia, Kadafi assegurou uma base de massa regional entre setores consideráveis da população líbia. Este apoio é baseado no fato de que quase duas gerações de líbios foram beneficiadas pelos programas de Kadafi financiados pelo petróleo, como os de bem-estar, educacionais, de emprego e de habitação, sendo que nenhum desses existia sob o governo do favorito da América, o Rei Idris. Na medida em que a violência é inerente a qualquer levante armado, uma vez que se pega em armas para tomar o poder, se perdem as reivindicações sobre os “direitos civis”. Em conflitos civis armados, direitos civis são violados de todos os lados. Independentemente do retrato sombrio das “forças mercenárias africanas” de Kadafi feito pelos meios de comunicação ocidentais e a sua mais silenciosa aprovação da “justiça revolucionária” contra os apoiadores de Kadafi e soldados do governo capturados nos redutos rebeldes, as regras do estado de guerra devem entrar em jogo, incluindo a proteção de civis não-combatentes (o que inclui apoiadores do governo e oficiais) assim como proteção aos prisioneiros de guerra líbios nas áreas sob controle da ONU e rebeldes.

A infundada alegação euro-estadunidense de “genocídio”, ampliada pelos meios de comunicação de massa e papagueada pelos porta-vozes da “esquerda”, está em contradição com os relatórios diários de mortos e feridos que ficam na casa de um ou dois dígitos, resultado da violência urbana de ambos os lados, na medida em que o controle de cidades e vilas muda entre os dois lados.

A verdade é a primeira vítima de guerra, especialmente da guerra civil. Ambos os lados recorrem a fabricações monstruosas de vitórias, mortes, monstros e vítimas.

Anjos e demônios postos de lado, este conflito iniciou-se como uma guerra civil entre duas frações da elite líbia: uma autocracia estabelecida paternalisticamente, mas agora neoliberal burguesa, com base de apoio popular considerável, contra uma elite treinada e financiada pelo ocidente imperialista, apoiada em um grupo amorfo de chefes regionais, tribais e clericais, monarquistas e profissionais neoliberais desprovidos de credenciais democráticas e nacionalistas – e carente de uma ampla base de apoio de massa.

Conclusão

Se não foi para prevenir o genocídio, tomar o petróleo ou promover a democracia (via mísseis *Patriot*), qual é então a força motriz que está por trás da intervenção imperialista?

Uma pista está na seletividade da intervenção militar do Ocidente: em Bahrain, Arábia Saudita, Iêmen, Jordânia, Qatar e Omã, os autocratas no poder, aliados e apoiados por Estados imperiais euro-estadunidenses, andam por aí prendendo, torturando e matando protestantes urbanos desarmados com total impunidade. No Egito e na Tunísia, os EUA estão apoiando uma junta conservadora de autoproclamadas elites civis-militares no intuito de bloquear a profunda transformação democrática e nacionalista da sociedade que é exigida pelos que protestam. A “junta” procura avançar com reformas econômicas neoliberais através de oficiais “eleitos” pró-Ocidente cuidadosamente examinados. Enquanto críticos liberais podem acusar o Ocidente de “hipocrisia” e “dois pesos e duas medidas” ao bombardear Kadafi, mas não os açougueiros do Golfo, na realidade, os governantes imperiais aplicam de forma consistente o mesmo padrão em cada região: defendem regimes-clientes autocráticos estratégicos, o que permitiu a Estados imperiais construir bases aéreas e navais estratégicas, executar operações regionais de inteligência e formar plataformas logísticas para suas guerras em andamento no Iraque e Afeganistão, assim como seus conflitos com o Irã projetados para o futuro. Eles atacam a Líbia de Kadafi exatamente porque Kadafi se recusou a contribuir ativamente nas operações militares do Ocidente na África e Oriente Médio.

O ponto-chave é que, enquanto a Líbia permite às maiores multinacionais estadunidenses e européias pilharem sua riqueza do petróleo, ela não se tornou um parceiro geopolítico estratégico do império. Como nós temos escrito em vários artigos anteriores, a força motriz da construção do império estadunidense é militar – e não econômica. Por conta disso, bilhões de dólares em contratos e interesses econômicos do Ocidente têm sido sacrificados na adoção de sanções contra o Iraque e o Irã – com o pesado custo de que a invasão e a ocupação do Iraque paralisaram a maior parte da exploração de petróleo por mais de uma década.

O ataque liderado por Washington sobre a Líbia, com a maioria das missões aéreas e ataques de mísseis sendo realizada pelo regime de Obama, é parte de um contra-ataque mais geral em resposta à maioria dos recentes movimentos árabes populares pró-democracia. O Ocidente está apoiando a supressão desses movimentos pró-democracia em todo o Golfo. Financia a junta pró-imperial e pró-Israel no Egito e está intervindo na Tunísia para assegurar que qualquer novo regime seja “corretamente alinhado”. Apóia um regime déspota na Argélia,

assim como os ataques diários de Israel em Gaza. Em consonância com esta política, o Ocidente apóia o levante de ex-kadafistas e monarquistas de direita, confiante que a Líbia “libertada” irá mais uma vez conceder bases militares para os construtores do império militar estadunidense-europeu.

Em contraste, as potências emergentes regionais e nacionais guiadas pelo mercado têm se recusado a apoiar este conflito, que põe em risco o acesso delas ao petróleo e ameaça os atuais contratos de exploração em larga escala assinados com Kadafi. As economias em crescimento da Alemanha, China, Rússia, Turquia e Brasil contam com a exploração de novos mercados e recursos naturais por toda África e Oriente Médio, enquanto EUA, Grã-Bretanha e França gastam bilhões ao buscar guerras que desestabilizem esses mercados, destruam a infra-estrutura e fomentem guerras de resistência de longa duração. As potências de mercado em crescimento reconhecem que os “rebeldes” líbios não podem assegurar uma rápida vitória ou garantir um meio-ambiente estável para investimento e comércio de longo prazo. Os “rebeldes”, uma vez no poder, serão clientes políticos de seus mentores militares imperiais. Claramente, a intervenção militar imperial em nome de separatistas regionais ameaça seriamente essas economias de mercado emergentes: os EUA apóiam rebeldes etno-religiosos na província chinesa do Tibete, assim como os separatistas Uyghur; Washington e Londres há muito tempo apóiam separatistas chechenos no Cáucaso russo. A Índia está em alerta em razão do apoio militar estadunidense ao Paquistão, que reivindica a Kashemira. A Turquia enfrenta separatistas curdos que recebem armas e abrigo de sua contraparte curdo-iraquiana abastecida pelos EUA.

O precedente no norte da África de uma invasão imperial da Líbia em nome de seus clientes separatistas preocupa as potências de mercado emergentes. É também um ameaça em andamento aos movimentos de libertação árabes de base popular de massa. E a invasão soa como o toque fúnebre para a economia dos EUA e sua frágil “recuperação”: três guerras sem fim em andamento irão quebrar o orçamento cedo ou tarde. Mais trágico de tudo, a invasão “humanitária” do Ocidente minou faltamente esforços genuínos de civis líbios democratas, socialistas e nacionalistas para libertar o país tanto de uma ditadura quanto de reacionários apoiados pelo império.